ArReDia
Revista da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras / UFGD

UM RECORTE LEXICAL DA TOPONÍMIA DA MICRORREGIÃO DE MACEIÓ: UM CENÁRIO LINGUÍSTICO-CULTURAL

Un recorte lexical de la toponimia de la Microrregión de Maceió: un escenario lingüístico-cultural

Pedro Antonio Gomes de Melo[i]

Universidade Estadual de Alagoas

Resumo: A partir do pressuposto de que os nomes de cidades são receptores e refletores de aspectos físicos e antropoculturais impressos nos topônimos e registrados no léxico toponímico, constituindo-se assim num cenário linguístico-cultural, este artigo propôs refletir sobre os designativos atribuídos aos municípios que constituem a Microrregião de Maceió, localizada na Mesorregião do Leste Alagoano, à luz dos estudos onomásticos, utilizando-se do modelo teórico-metodológico de Dick (1992, 1996). As análises revelaram que, nesta microtoponímia alagoana, quanto à motivação, há uma preferência do nomeador para eleição de hagiotopônimos – nomes de santos ou santas do hagiológio católico romano – no ato de nomear municipalidades na referida região. E ainda, quanto à formação lexical, a composição se revelou como o mecanismo linguístico mais produtivo na função de formar topônimos.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística. Onomástica. Léxico Toponímico.

Resumen: A partir del presupuesto de que los nombres de ciudades son receptores y reflectores de aspectos físicos y antropoculturales impresos en los topónimos y registrados en el léxico toponímico, constituyéndose asín en un escenario lingüístico-cultural, este artículo propuse reflexionar sobre los designativos atribuidos a los municipios que constituyen la Microrregión de Maceió, localizada en la Meso región del Este Alagoano, a la luz de los estudios onomásticos, utilizándose del modelo teórico-metodológico de Dick (1992, 1996). Los análisis revelaron que, en esta microtoponimia alagoana, cuanto a la motivación, hay una preferencia del denominador para elección de hagiotopónimos – nombres de santos o santas del hagiólogo católico romano – en el acto de nombrar municipalidades en la referida región. Y aún, cuanto a la formación lexical, la composición se reveló como el mecanismo lingüístico más productivo en la función de formar topónimos.

PALABRAS-CLAVE: Lingüística. Onomástica. Léxico Toponímico.

Considerações iniciais

Sob o ponto de vista da dimensão sociocultural, que atribui à linguagem os aspectos variáveis que ela apresenta no tempo e no espaço, é possível percebermos como os falantes, ao longo dos anos, se valem da língua para representar a realidade exterior e expressar valores

partilhados nas designações de acidentes físicos e humanos. Assim sendo, a nomeação de lugares evidencia os efeitos da sociedade sobre o linguístico e a maneira pela qual a vida social nele se apresenta, sobretudo em seu léxico, refletindo e refratando o modo de ver a realidade e a forma como seus membros organizam o mundo que os rodeia.

Ao tratar sobre o ato de nomear lugares, Dick (1995, p.103) explica-nos que:

> A adequação da escolha, que passa pelo crivo da objetividade ou da subjetividade do nomeador, ainda que inconscientemente, será sentida ou pela reação do grupo ou pela análise posterior do linguista, em uma fase posterior, distinta do momento inicial de marcação do lugar [...] na compreensão do presente, em sua função pragmática.

Nesse sentido, o nomeador é um sujeito situado social e historicamente e os nomes de lugares remetem à motivação do ser humano, em um determinado contexto sociocultural, a um sistema de práticas e valores, crenças e interesses a ele associado que permanecem firmados nos locativos mesmo quando a motivação toponímica, proveniente das práticas de nomeação, não mais existe. Estes nomes adquirem sentidos que transcendem o próprio ato de nomear lugares.

Os topônimos representam uma projeção aproximativa do real, podendo evidenciar as relações entre o homem e o mundo biossocial entrelaçadas com a língua, e advêm do fato de termos necessidade de denominar o espaço circundante. Portanto, o campo de investigação toponímica não se limita ao aspecto linguístico ou etimológico.

O signo linguístico em função onomástica "é o meio que o homem emprega para humanizar a paisagem como parte de sua relação com seu ambiente geográfico" (SOLIS FONSECA, 1997, p. 22). Dessa forma, os signos toponímicos[1] se constituem num acervo lexical toponímico bastante fértil para realização de pesquisas, quer diacrônicas quer sincrônicas, como também, quer em contextos linguísticos quer em contextos culturais.

[1] Neste artigo, empregam-se os termos *topônimo, signo toponímico e sintagma toponímico* como equivalentes.

O léxico geral de uma língua "não é uma lista passiva de palavras e de seus significados, mas um lugar cheio de vitalidade em que as regras são usadas ativamente para criar novas palavras" (KATAMBA, 1993, p. 99). Trata-se de um repertório aberto, quer dizer, capaz de se enriquecer e se ampliar sempre, sendo influenciado pelo comportamento sociocultural da comunidade que o utiliza.

Da mesma forma, o léxico toponímico não é estático, não funciona simplesmente como um rol inerte de palavras que identificam lugares, mas se integra às exigências de expressão da área onomástica e do discurso em geral. Nunes (2010, p.152) explica-nos que "o fato lexical é um fato social e, assim sendo, está sujeito às forças sociais, que permeiam as relações entre os sujeitos".

O léxico toponímico pode ser definido como o conjunto de

> unidades lexicais investidas da função de nome próprio de lugar que podem reunir formas do vocabulário comum, alçadas à categoria de topônimos; nomes próprios de pessoas, de lugares, de crenças, de entidades sobrenaturais que são ressemantizadas com o fim precípuo de nomear um lugar. (ISQUERDO, 2012, p. 116)

Sob esse ponto de vista, os estudos lexicais possibilitam não apenas conhecermos a língua em si mesma, mas também o contexto extralinguístico, os fatores socioeconômicos e culturais relacionados aos seus falantes. Sendo assim, os topônimos fazem parte de um vocabulário linguístico histórico, neles podemos encontrar informações que se inter-relacionam com a toponímia e a cultura, pois é por meio da língua que dados são fornecidos para que se possa recuperar a realidade sócio-histórico-cultural de um povo.

É importante não confundirmos o nome do lugar com o objeto real, ou seja, com o local propriamente dito; em outras palavras, "o topônimo não é o lugar em si, mas uma de suas representações carregando em sua estrutura sêmica elementos da língua, da cultura, da época de sua

formação, enfim, do homem denominador" (CARVALHINHOS, 2009, p. 83).

Logo, não buscamos refletir sobre a cidade nomeada, mas explicar a relação simbólica existente os atuais nomes dos munícipios que compõem a Microrregião de Maceió de Alagoas, numa abordagem que viabilize uma descrição línguo-cultural, recuperando múltiplos aspectos lexicais (origem e formação, estrutura e funcionamento) e sócio-histórico-culturais (motivações toponímicas) refletidos na ação nomeadora, uma vez que os topônimos são representações semânticas intencionais e podem revelar traços culturais da memória e da identidade de um povo mediante as particularidades cristalizadas nos designativos de lugares.

Estado de Alagoas: contextualização espacial

Apresentaremos um breve panorama de Alagoas, focalizando a Mesorregião do Leste Alagoano e a Microrregião de Maceió, com a finalidade de situarmos geograficamente as localidades nas quais os topônimos estão inseridos na função onomástica de nomear municípios alagoanos.

A Mesorregião do Leste Alagoano

No caso da toponímia alagoana, em decorrência do processo de povoamento e colonização ao qual o estado foi submetido, há grandes contrastes e diferenças diatópicas, sua distribuição toponímica deve-se em particular ao início da formação do Estado de Alagoas, fortemente influenciada pelos portugueses.

A Mesorregião do Leste Alagoano é subdividida em seis microrregiões, a saber: (1) a Microrregião do Litoral Norte Alagoano, que compreende os municípios de Japaratinga, Maragogi, Passo de Camaragibe, Porto de Pedras e São Miguel dos Milagres; (2) a Microrregião de Maceió, que compreende os municípios de Barra de Santo Antônio, Barra de São Miguel, Coqueiro Seco, Maceió, Marechal Deodoro,

Paripueira, Pilar, Rio Largo, Santa Luzia do Norte e Satuba; (3) a Microrregião da Mata Alagoana, que compreende os municípios de Atalaia, Branquinha, Cajueiro, Campestre, Capela, Colônia Leopoldina, Flexeiras, Jacuípe, Joaquim Gomes, Jundiá, Matriz de Camaragibe, Messias, Murici, Novo Lino, Porto Calvo e São Luís do Quitunde; (4) a Microrregião de Penedo, que compreende os municípios de Feliz Deserto, Igreja Nova, Penedo, Piaçabuçu e Porto Real do Colégio; (5) a Microrregião de São Miguel dos Campos, que compreende os municípios de Anadia, Boca da Mata, Campo Alegre, Coruripe, Jequiá da Praia, Junqueiro, Roteiro, São Miguel dos Campos e Teotônio Vilela; e (6) a Microrregião Serrana dos Quilombos, que compreende os municípios de Chã Preta, Pindoba, Ibateguara, Santana do Mundaú, São José da Laje, União dos Palmares e Viçosa.

Mapa 1: A localização da Mesorregião do Leste Alagoano no estado de Alagoas



Disponível em http:// www.maisalagoas.com.br. Acesso em 11 de fev 2014

A Microrregião de Maceió

A Microrregião de Maceió está localizada na porção central do litoral do estado, compreendendo uma faixa de planícies costeiras onde se situam as lagunas Mundaú, Manguaba e Roteiro, e os estuários dos rios Pratagy, Meirim e Santo Antônio. Aparecem, também, recifes de franja e paralelos próximos à linha de costa. Para o interior, a área é dominada pelos tabuleiros costeiros.

Como foi dito anteriormente, ela é formada pelos municípios de (01) Barra de Santo Antônio, (02) Barra de São Miguel, (03) Coqueiro Seco, (04) Maceió, (05) Marechal Deodoro, (06) Paripueira, (07) Pilar, (08) Rio Largo, (09) Santa Luzia do Norte e (10) Satuba, constituindo, assim, sua toponímia municipal.

A microrregião em estudo tem como ambiência natural a paisagem marítima de um lado e a lagunar do outro, entrelaçadas nas relações sociais daqueles que vivem em suas margens, usufruindo de suas benesses. A grande teia dessas relações se estabelece pela convivência com a água, quer salgada, quer doce ou salobra, mas sempre através da rede de pescar ou da rede de rendar, na atividade cotidiana dos homens e mulheres da região.

O patrimônio histórico também se destaca nos municípios de Marechal Deodoro, Coqueiro Seco e Santa Luzia do Norte, mostrando que Alagoas ainda é detentora de um precioso acervo de arte sacra, apesar das descaracterizações e da ação devastadora do tempo.

Os municípios que compõem a referida microrregião possuem três traços fortes: a proximidade com o Complexo Lagunar Mundaú-Manguaba, ou com o litoral, as vastas plantações de cana-de-açúcar e a forte relação com a capital de Alagoas. A proximidade com as lagunas e com o mar produz a economia da pesca; as usinas e as destilarias, com suas demandas por matéria-prima, determinam a paisagem rural canavieira. Estes municípios têm, na maioria das vezes, uma relação de dependência com o setor de serviços e o comércio de Maceió. A mesma paisagem tropical e a história comum, o potencial turístico, as possibilidades de agricultura de tipo familiar, a pequena indústria e as outras atividades produtivas, dão uniformidade a este território.

Os municípios que formam esta microrregião, centralizados em Marechal Deodoro, têm uma identidade que decorre de semelhanças em sua história, formação geográfica e desenvolvimento econômico. A cana-de-açúcar, que foi o forte componente inicial da colonização, influenciou

esta microrregião, moldando praticamente todos os aspectos de sua vida. A geografia, por sua vez, ao contemplar este território com um rico complexo hídrico, marcou profundamente seu desenvolvimento. Neste *habitat*, a ocupação humana se fez presente sob forte influência desses condicionantes que, sob vários aspectos, tiveram papel determinante na estruturação do sistema de organização política e social ali instalado.

Referencial teórico

Examinar o léxico toponímico em seus aspetos internos e externos é uma tarefa complexa de ser realizada, em virtude de haver muitas informações que se interpenetram, de tal maneira que este artigo envolverá conhecimentos não apenas linguísticos, mas também conhecimentos históricos, geográficos e socioculturais.

A Onomástica se integra à Linguística, mais particularmente à Lexicologia, caracterizando-se pelo estudo dos nomes próprios em geral e possui duas subáreas de estudo: a Toponímia e a Antroponímia – esta se preocupa com os estudos dos nomes próprios de pessoas, sejam prenomes ou apelidos de família (antropônimos); aquela diz respeito aos nomes próprios de lugares (topônimos), tendo grande relevância para a história sociocultural das civilizações. Para Carvalhinhos (2010, p.2.464), "observar intersecções línguo-culturais na Onomástica é perceber, pois, como determinados aspectos da cultura de um grupo se imprimem nos topônimos".

E mais, nas palavras de Dick (2007, p. 144), o estudo onomástico:

> É muito mais do que um mero fator auxiliar do agir e do viver individual ou coletivo; é indício de rumos tomados pelos falares ao longo dos períodos históricos, de comportamentos presentes no cotidiano e de atitudes morais ou operosas valorizadas pela população.

Assim, partiremos do campo da Toponímia com a finalidade de realizarmos um "estudo integral, no espaço e no tempo, dos aspectos: geohistóricos, socioeconômicos e antropolinguísticos que permitiram e

permitem que um nome de lugar se origine e subsista" (SALAZAR QUIJADA, 1985, p. 18), buscando compreender a história das motivações toponímicas que fazem nascer o nome dos municípios da Microrregião de Maceió, localizada na Mesorregião do Leste Alagoano, levando em consideração os aspectos culturais refletidos nestas eleições toponímicas.

Quanto aos aspectos relativos às motivações toponímicas, adotamos o modelo teórico apresentado por Dick (1992) para investigação da natureza motivacional dos topônimos alagoanos, por entendermos que se trata de uma concepção norteadora de análise e classificação que mais se adapta à realidade brasileira.

A terminologia proposta no Modelo Taxionômico de Classificação Toponímica (MTCT) da referida pesquisadora engloba 27 taxes, distribuídas em dois grupos, conforme a natureza motivacional (semântica): 11 taxes relacionadas ao ambiente físico, Taxeonomias de Natureza Física (TNF); e 16 relacionadas ao homem e sua relação com a sociedade e a cultura, Taxeonomias de Natureza Antropocultural (TNA).

O termo taxe corresponde à identificação e classificação genérica dos fatos cósmicos de duas ordens de consequência: a física e a antropocultural, de forma a permitir a aferição objetiva de causas motivadoras dos designativos geográficos.

No modelo proposto por Dick (1992), o sintagma toponímico é formado por dois elementos, dos quais o primeiro termo tem a função de indicar a classe genérica e o segundo, de definir o elemento específico que será o alvo do estudo toponímico.

As pesquisas toponímicas desenvolvem-se em uma linha documental e/ou de campo e seguem o método onomasiológico, em que o dado selecionado é observado, registrado, classificado, analisado e interpretado de acordo com a identificação dos fatores determinantes à configuração do *corpus*. Elas estão, também, inclusas no domínio lexical e têm como base teórica a Linguística, em particular no âmbito da morfologia lexical, e na Lexicologia, uma vez que "o objeto de estudo da

Linguística é a própria linguagem humana, em todas as suas variações e a Lexicologia tem como objetivo básico o estudo e a análise das palavras, sua categorização e a estruturação do léxico" (BIDERMAN, 2001, p. 16).

Com base em tais pressupostos, pretendemos investigar os nomes de municípios alagoanos, em seus aspectos internos e externos, e estabelecer uma conexão línguo-cultural entre a cidade e o nome atribuído a ela, em que as partes formam um todo representativo, buscando relacioná-los aos atos onomásticos, especialmente aqueles ligados ao léxico onomástico-toponímico municipal da Microrregião de Maceió, procurando compreender como se deu tal dinâmica de constituição.

Análises e resultados

Doravante, serão apresentadas as análises do *corpus* lexical deste estudo. Os dados toponímicos foram levantados a partir de consulta bibliográfica junto ao Banco de dados do IBGE (2014), como também em pesquisas realizadas no sítio virtual da wikialagoas pela internet.

Interessante destacarmos que, do ponto de vista estrutural, o topônimo é uma unidade léxico-semântica, formada de um termo genérico e de um termo específico, que identifica de forma particular o termo genérico, destacando-o de outros semelhantes. Neste trabalho, para a classificação dos topônimos utilizamos o modelo taxionômico proposto por Dick (1992, 1996) que considera o nome do específico do sintagma toponímico.

Topônimos de motivação de natureza antropocultural registrados no léxico onomástico-toponímico da Microrregião de Maceió

De acordo com *corpus* toponímico aqui levantado, destacamos que, de um total de dez topônimos da referida microrregião, identificamos quatro hagiotopônimos, relativos a santos do hagiológico romano. A saber: (1) Barra de Santo Antônio, (2) Barra de São Miguel, (3) Santa Luzia do Norte e (4) Pilar.

Eles traduzem a ideologia religiosa que permeava o pensamento do nomeador no momento histórico em que foram escolhidos para designar municípios alagoanos, como características do processo de colonização e povoamento ocorrido na região em tela.

1 BARRA DE SANTO ANTÔNIO

Localização: Microrregião de Maceió; **Taxionomia:** Hagiotopônimo
Topônimo: Barra de Santo Antônio
Etimologia: Segundo Cunha (1982), composto de origem latina: *barra*, 'fita' + prep. lat. *de* + *sanctus*, 'que vive segundo os preceitos religiosos' + *antonius*.
Estrutura Morfológica: Elemento Específico Composto: morfema lexical *barr-* + morfema classificatório vogal temática *-a* + forma dependente *de* + morfema lexical *sant-* + morfema classificatório vogal temática *-o* + morfema lexical *antoni-* + morfema classificatório vogal temática *-o*
Informações Enciclopédicas: O topônimo Barra de Santo Antônio é originário do Rio Santo Antônio, que banha todo o núcleo urbano do município e o divide, formando duas partes distintas. Dele, a população tira boa parte de seu sustento. O referido município deve sua colonização aos holandeses, que chegaram ao litoral por volta de 1853. A partir daí começou o progresso no povoado, que era constituído por poucas casas de taipa construídas à margem do rio Santo Antônio Grande, que corta a cidade em dois locais distintos: um mais urbano, sede da cidade (à margem direita) e o outro, mais turístico e nativo (à margem esquerda). Neste lado, durante muitos anos houve um cruzeiro construído pelos holandeses, que servia de ponto de partida para a procissão de Bom Jesus dos Navegantes, destruído pelo tempo. O movimento de emancipação política do distrito, então pertencente a São Luís do Quitunde, foi liderado por Manuel Monteiro de Carvalho. Em 1960, a cidade conseguiu a emancipação.
Fonte: http://www.wikialagoas.al.org.br

2 BARRA DE SÃO MIGUEL

Localização: Microrregião de Maceió; **Taxionomia:** Hagiotopônimo
Topônimo: Barra de São Miguel
Etimologia: Segundo Cunha (1982), do latim *barra*, 'fita' + prep. lat. *de* + *lat. sanctus*, 'que vive segundo os preceitos religiosos' + sm. hebraico *michael*, 'aquele semelhante a Deus'.
Estrutura Morfológica: Elemento Específico Híbrido de bases latina + hebraica: morfema lexical *barr-* + vogal temática *-a* + forma dependente *de* + morfema lexical *são* (forma proclítica apocopada de *santo*) + morfema lexical *miguel* (nome atemático)
Informações Enciclopédicas: Até a metade do século XVI, o território atualmente ocupado pela Barra de São Miguel foi aldeamento dos índios

Caetés, conhecidos pela prática da antropofagia. Segundo a história, eles teriam devorado o bispo Dom Pero Fernandes Sardinha, que veio de Portugal para catequizar a região. Ele teria trazido, então, uma imagem de Nossa Senhora Santana, que foi abandonada com o ataque dos índios e resgatada anos depois. A área, de excelente localização geográfica, transformou-se num movimentado núcleo de pescadores. A autonomia administrativa ocorreu por força de interesses políticos. Somente em 1963, a Barra foi elevada à condição de município, desmembrado de São Miguel dos Campos. É considerada a cidade balneária mais badalada de Alagoas.
Fonte: http://www.wikialagoas.al.org.br

3 SANTA LUZIA DO NORTE

Localização: Microrregião de Maceió; **Taxionomia:** Hagiotopônimo
Topônimo: Santa Luzia do Norte
Etimologia: Segundo Cunha (1982), do latim *sanctus*, 'que vive segundo os preceitos religiosos' + do lat. *lumen, -inis*. 'claridade' + prep. lat. *de* + do germ. *nord* 'ponto cardeal que se opõe ao sul'.
Estrutura Morfológica: Elemento Específico Híbrido de bases latina + germânica: morfema lexical *sant-* + morfema classificatório vogal temática *-a* + morfema lexical *luzia* + forma dependente *de* + *o* = *do* + morfema lexical *norte*
Informações Enciclopédicas: Este importante burgo histórico, às margens da Laguna do Norte (como era chamada antigamente a Laguna Mundaú), recebeu esse nome em decorrência da cura de um cego, fundador da cidade, milagre atribuído a Santa Luzia, na época colonial. Anteriormente, recebera o nome de Outeiro de São Bento, devido à existência, numa elevação, de um convento beneditino. Após o cego ter recobrado a visão e se estabelecido ali, no início do século XVII, segundo a tradição e a informação de Mello Morais (baseado em Gabriel Soares), recebeu o nome de Santa Luzia de Siracusa e depois de Vila Nova de Santa Luzia. Foi uma das mais antigas povoações do Estado de Alagoas, pois já em 1663, tinha-se notícias de sua existência com a invasão dos batavos, durante a guerra holandesa, que por ali se dirigiram, depois de atacar a cidade de Alagoas, atual Marechal Deodoro. Somente em 1962, alcançou sua autonomia administrativa, se bem que, em 1830, chegou a ser sede do atual Município de Rio Largo. O topônimo da Povoação teria vindo de um milagre atribuído à Santa Luzia quando um cego recobrou a visão por seu intermédio. O primeiro nome foi Santa Luzia de Siracusa, passando tempo depois para Santa Luzia do Norte, até hoje conservado. De acordo com outra versão, a localidade teria sido batizada também com o nome de Outeiro de São Bento, devido à existência de um convento de São Bento nas proximidades. Antônio Martins Ribeiro foi um dos seus primeiros moradores. Recebeu ele, de Miguel Gonçalves Vieira, uma légua de terras com a condição de ali levantar engenho de açúcar e fazer vida. A chegada de inúmeros novos moradores e a construção de suas casas, deram um impulso extraordinário ao povoado que encontrou desenvolvimento

rápido. Em pouco tempo Santa Luzia do Norte transformou-se no mais importante povoado às margens do Norte e do Rio Mandaú.
Fonte: http://www.wikialagoas.al.org.br

4 PILAR
Localização: Microrregião de Maceió; **Taxionomia:** Hagiotopônimo
Topônimo: Pilar;
Etimologia: Segundo Cunha (1982), de origem latina: s.m. *pilara*, 'coluna'.
Estrutura Morfológica: Elemento específico simples. Morfema lexical *pilar* (nome atemático).
Informações Enciclopédicas: A explicação lendária diz que uma imagem de Nossa Senhora foi encontrada em cima de um pilar por agricultores que viviam dispersos na mata que predominava na região. Retirada e levada no dia seguinte para uma capela próxima ao local do achado, misteriosamente a imagem sumiu da igrejinha onde fora deixada, sendo encontrada no mesmo sítio do dia anterior sobre o pilar abandonado. O fato repetiu-se mais de uma vez, até que os primeiros colonos, habitantes daquelas paragens, que tinham a laguna como referência, entenderam que um povoado deveria ser edificado. Daí o nome Pilar. O mais correto é supor que Alarcão Ayala, proprietário do Engenho Velho, de origem espanhola, tenha escolhido Nossa Senhora do Pilar como padroeira da igreja colonial em torno de seu engenho de açúcar, e daí tenha se originado a primitiva povoação. Pilar é, portanto, originário de Nossa Senhora do Pilar, santa de devoção espanhola. Em 1944, teve seu nome modificado para Manguaba, em virtude da laguna de mesmo nome, principal acidente geográfico do município. Voltou, cinco anos mais tarde, em 17 de setembro de 1949, a ter sua denominação original. Alguns historiadores relatam que o nome da cidade se deu a um fato ou lenda de que, um pescador, chamado Thiago, encontrou a imagem de Nossa Senhora num Pilar, porém essa história era muito comum naquela época, a exemplo de Aparecida do Norte-SP e outras Vilas de Pescadores pelo Brasil a fora.
Fonte: http://www.wikialagoas.al.org.br

Nos casos (1), (2), (3) e (4), acreditamos que a presença de hagiotopônimos na nomenclatura municipal da região analisada reflete, no léxico toponímico, o espírito de religiosidade das classes dominante e dirigente dos portugueses, de modo geral, transplantadas para os primeiros núcleos povoados em Alagoas.

Esse traço sociocultural sinaliza para a inter-relação línguo-cultural na configuração semântica dos hagiotopônimos, em cujas análises transpareceram aspectos religiosos relacionados ao grupo humano.

A presença da religiosidade em Alagoas é algo marcante, podendo ser observada pela toponímia da microrregião estudada. No entanto, as manifestações religiosas dos povos autóctones e/ou afrodescendentes não foram registradas na toponímia local, muito menos valorizadas, sendo imposta a religião dos colonizadores. Nos dados analisados, não detectamos topônimos que representem as religiões de matriz africana e/ou de outras crenças autóctones.

Já no caso (5), identificamos a materialização do discurso da nacionalidade presente no léxico toponímico pelo registro do axiotopônimo: Marechal Deodoro.

Esse designativo municipal revela uma tendência de nomear cidades com nome de personalidades de relevo, assim como os seus respectivos títulos ou profissões.

5 MARECHAL DEODORO

Localização: Microrregião de Maceió; **Taxionomia:** Axiotopônimo
Topônimo: Marechal Deodoro.
Etimologia: Segundo Cunha (1982), composto de origem francesa: s.m. *maréchal*, 'posto superior no exército' + do latim *Deo*, 'Deus'.
Estrutura Morfológica: Elemento específico híbrido. Morfema lexical *marechal*; morfema lexical *deodor-* + morfema classificatório vogal temática *-o*.
Informações Enciclopédicas: Marechal Deodoro é um dos sítios históricos mais importantes do estado. Em 1591, já estava consolidado o seu núcleo urbano inicial, conquistado dos Caetés. Foi sede de Comarca e capital da Província. Berço de alagoanos ilustres como Tavares Bastos, Alexandre Passos, Melo Morais e Rosalvo Ribeiro, e também do clã dos Fonseca: Major Manoel Mendes, a matriarca D. Rosa; os filhos e, dentre eles, o mais notável, o Marechal Deodoro da Fonseca. Além de berço de Deodoro e dos Fonseca, foi a primeira capital de Alagoas. O nome da cidade é uma homenagem ao Proclamador da República Brasileira. Após a instalação do novo regime, em 15 de novembro de 1889, a velha Alagoas passou a ter a atual denominação. Antes era conhecida como Vila de Santa Maria Madalena da Lagoa do Sul, ou simplesmente, Madalena. A padroeira é Nossa Senhora da Conceição.
Fonte: http://www.wikialagoas.al.org.br

Neste caso (05), esse axiotopônimo indica a materialização de um discurso de nacionalidade, sócio-historicamente constitutivo, cuja escolha está intrinsicamente ligada ao proclamador da República brasileira

Marechal Deodoro da Fonseca, um militar de alta patente alagoano e afinado em função de interesses de uma dada classe social, representando a relação entre toponímia e poder, expressada em homenagens a figuras representativas que detêm o poder. Geralmente integrantes da classe dominante, é fonte motivacional recorrente na Toponímia Municipal de Alagoas ao longo da história, exercendo, desta maneira, uma forte influência na vida e na identidade da população de cada município do Estado.

Topônimos de motivação de natureza física registrados no léxico onomástico-toponímico da Microrregião de Maceió

Já em relação aos topônimos de ordem física, podemos afirmar que os aspectos naturais da região se apresentam como fonte motivacional marcante na prática de nomear cidades. Dentre eles, a vegetação, a fauna, a hidrografia, o tipo de solo e a dimensão territorial da localidade a ser nomeada são as motivações aqui identificadas.

6 COQUEIRO SECO

Localização: Microrregião de Maceió; **Taxionomia:** Fitotopônimo
Topônimo: Coqueiro Seco
Etimologia: Segundo Cunha (1982), de origem latina: s.m. *coqueirus*, 'designação comum a várias espécies de palmeiras e aos seus frutos' + adj. lat. *sicus -a, -um*, 'desprovido de umidade'.
Estrutura Morfológica: Elemento específico composto. Morfema lexical *coqu-* + morfema derivacional *-eiro*; morfema lexical *sec-* + morfema classificatório vogal temática *-o*.
Informações Enciclopédicas: A tradição oral diz que a origem do nome do município está ligada a um velho coqueiro, já seco, que passou a ser, dentro da região possuidora de um vasto coqueiral, ponto de referência para os que passavam pela margem ocidental da Laguna do Norte. Aquela árvore de aspecto singular atraia os pescadores de outros lugares, que se fixaram ali em suas casinhas devido à fertilidade da terra e à facilidade da pesca. O nome foi estendido ao sítio e à primeira povoação que se estabeleceu nele. Uma versão mais antiga afirma que dois mercadores se encontraram no local onde foi construído o primeiro núcleo da cidade, comerciando com os moradores que viviam esparsamente na região lagunar. Ao se despedirem, combinaram: "No próximo mês, o encontro será aqui, neste coqueiro seco". Foram infrutíferos os esforços dos

missionários franciscanos em mudar a sua denominação para Monte Santo.
Fonte: www.wikialagoas.al.org.br

Nesse caso (6) de fitotoponímia, percebemos que o denominador resgata aspectos naturais da região na qual o topônimo está inserido, fazendo referência aos coqueirais da localidade, confirmando a importância da vegetação na vida do homem, materializada na relação simbólica existente entre léxico e meio ambiente. E ainda, é importante considerarmos o relevante papel da vegetação como fonte motivadora, decorre da abundância da flora pela existência de plantas ou vegetais no ambiente em que se encontra seu objeto de denominação.

7 SATUBA
Localização: Microrregião de Maceió**; Taxionomia:** Zootopônimo
Topônimo: Satuba.
Etimologia: Segundo Tibiriçá (1985), o termo corresponde à corruptela de saúva, ou saúba, palavra de origem tupi *isa'uua.* Designação comum às formigas do gênero *Atta*.
Estrutura Morfológica: Elemento específico simples: Morfema lexical *satub-* + morfema classificatório vogal temática *-a.*
Informações Enciclopédicas: Originalmente, o atual município de Satuba era um povoado conhecido como Carrapato. O povoado passou a ser chamado Satuba, devido a uma espécie de formiga que muito incomodava os operários que construíam a trilha férrea de Great Western. As terras do atual município alagoano pertenciam à vila de Santa Luzia do Norte, e depois a Rio Largo, de onde foram desmembradas. Dois sítios e dois engenhos provocaram o aparecimento do povoado, que recebeu esse nome devido à presença desse inseto em suas matas, antes de sua denominação atual. Não há registros dos dois pequenos banguês, um dos quais se localizava no terreno onde funciona hoje a Escola Agrotécnica Federal de Satuba. Algumas casas de taipa, cobertas de palha deram início ao primitivo núcleo, cujos pioneiros foram familiares de Manoel Joaquim de Barros e de sua esposa Úrsula de Melo Barros. Quando isso ocorreu, edificou-se uma capela no local onde hoje está construída a igreja matriz, que teve Nossa Senhora da Guia, a padroeira, como protetora. A navegação lagunar, com pequenas embarcações, fazia a comunicação com Santa Luzia do Norte, Coqueiro Seco e Maceió.
Fonte: www.wikialagoas.al.org.br

Nesse caso (7), as características zootoponímicas representam a diversidade da fauna local, deixando marcas no nome deste município

conforme as possibilidades ou necessidades do designador. Sendo assim, esta relação simbólica demonstrou o elo entre o léxico e o ambiente.

8 MACEIÓ

Localização: Microrregião de Maceió; **Taxionomia:** Litotopônimo
Topônimo: Maceió.
Etimologia: Segundo Tibiriçá (1985), Maceió é uma corruptela do tupi *maça-y-ok*, que significa o que tapa o alagadiço.
Estrutura Morfológica: Elemento específico simples. Morfema lexical maceio (nome atemático).
Informações Enciclopédicas: Além da jangada, embarcação típica da região, também está presente nos símbolos de Maceió a representação do mar, da laguna e da restinga, esta última para lembrar o riacho que deu nome à cidade, seguindo a tradição de nossos antepassados indígenas, uma feliz valorização de sua geografia. Absolutamente correto. Talvez, se os homens públicos e a geração atual conhecessem nossa origem, devotariam uma maior atenção àquele riacho, infelizmente poluído e desprezado. Até as primeiras décadas do século passado, um rio de águas cristalinas, onde se pescava peixes com abundância e onde embarcações de pequeno porte transportavam pessoas de uma margem à outra. Banhava parte da cidade. Nasce no Tabuleiro dos Martins, formado por dois braços, os córregos Pitanga e Pau d'Arco. Serpenteia depois pelo vale denominado, em antigos documentos, como Rego da Pitanga e vem desaguar no mar, após um curso de, aproximadamente, 10 quilômetros. Ao sair do vale, nas imediações do atual bairro do Poço, o Salgadinho não seguia direto para o oceano, como acontece hoje, mas inclinava-se para a direita, indo desaguar no trecho entre o Clube Fênix Alagoano e o prédio da Faculdade de Medicina. Foi este último trecho que impressionou os índios, que o denominaram "*Maça-y-ok*", "o que tapa ou represa o alagadiço". Alagadiço que se estendia do Poço, até sua foz. Uma feliz descrição da topografia da cidade que iria se formar.
Fonte: www.wikialagoas.al.org.br

Nesse caso (8), esse litotopônimo – nome de lugar relativo à constituição do solo – mais uma vez reflete a relação entre linguístico e mundo biossocial, quando o nomeador resgata aspectos naturais da região ligados à constituição do solo. Pois, como já foi dito anteriormente, o nome da cidade vem da restinga, onde os índios Caetés viviam antes da chegada dos conquistadores portugueses.

9 PARIPUEIRA

Localização: Microrregião de Maceió; **Taxionomia:** Hidrotopônimo
Topônimo: Paripueira.

Etimologia: Segundo Tibiriçá (1985), palavra de origem tupi, que significa 'praia das águas mansas'.
Estrutura Morfológica: Elemento específico simples. Morfema lexical *paripu-* + morfema derivacional *-eira*.
Informações Enciclopédicas: A região de Paripueira era habitada pelos índios que comercializavam pau-brasil com os franceses, antes da chegada dos portugueses. Desmembrada do município de Barra de Santo Antônio, Paripueira, que tem Santo Amaro como padroeiro, está inserida no *teatron* da história do período holandês em Alagoas, que povoa intensamente o seu imaginário com histórias e lendas da época dos louros neerlandeses. Parte do caminho dos flamengos era passagem obrigatória de suas tropas e também rota de seus oponentes ibéricos e dos nativos, que se entrecruzavam em perseguições e fugas, ora de um lado, ora de outro, de acordo com o resultado de cada batalha.
Fonte: www.wikialagoas.al.org.br

Nesse caso (9), o nomeador também resgata aspectos naturais da região a ser nomeada, mais precisamente características hidrográficas, evidenciando a projeção aproximativa do real impressa no topônimo e materializada na língua por meio da relação simbólica existente entre signo toponímico e ambiente.

Conforme Dick (2007, p. 208), a "hidrografia e conformação do relevo são dados muito antigos, que aparecem na toponímia dos mais diversos povos".

10 RIO LARGO
Localização: Microrregião de Maceió**; Taxionomia:** Dimensiotopônimo
Topônimo: Rio Largo.
Etimologia: Segundo Cunha (1982), composto de origem latina: s.m. *rivus*, *-i* 'curso de água natural' + adj. lat. *largus*, 'que tem extensão transversal relativamente ampla'.
Estrutura Morfológica: Elemento específico composto. Morfema lexical *ri-* + morfema classificatório vogal temática *-o*; morfema lexical *larg-* + morfema classificatório vogal temática *-o*.
Informações Enciclopédicas: Sua história, inicialmente, é a história de Santa Luzia do Norte, município ao qual esteve ligado até a chegada da ferrovia, quando passou a prosperar e chegou a ultrapassar de longe a vila-sede. Banhada pelo rio Mundaú, seus primórdios remontam à existência de um engenho de açúcar pertencente à família Calheiros de Mello. Passou a despontar como importante centro industrial após a inauguração da estrada de ferro, do aproveitamento da energia hidráulica das pequenas cachoeiras em seu território e da instalação de indústrias de fibras têxteis. Sua denominação se deve a um engenho inicial que foi o

núcleo de povoação, edificado no local onde o rio Mundaú se apresenta com maior largura entre as margens. No fim do século XIX foram fundadas duas unidades para a industrialização das fibras têxteis, em trechos de pequenos cachoeiramentos do rio Mundaú, favoráveis àquele tipo de atividade fabril.
Fonte: www.wikialagoas.al.org.br

Nesse caso (10), identificamos a taxe de dimensiotopônimo, ou seja, o topônimo faz referência à dimensão do rio, lugar no qual a cidade começou a ser povoada, isto é, exatamente onde o rio era mais largo entre as margens e, consequentemente, mais favorável ao tipo de atividade que os seus moradores exerciam.

Interessante destacarmos que, dentro do grupo de topônimos de motivação de ordem física, foi evidenciada uma destacada produtividade lexical de nomes de origem indígena de étimo tupi na função onomástica. De um total de cinco, três são de étimo tupi.

Ao tratar sobre a questão de nomear municípios alagoanos por meio de topônimos de étimo indígena, Melo (2013, p. 48) afirma que:

> Houve a presença da língua tupi em nível lexical em todas essas mesorregiões alagoanas, pelo menos no que diz respeito à toponímia municipal do estado. E ainda, [...] que os fatores de natureza motivacional mais recorrentes no ato de nomear municípios alagoanos por meio de nomes de étimo indígenas foram a vegetação do espaço - representada no léxico pelos fitotopônimos - e a hidrografia - representada no léxico pelos hidrotopônimos - da região a ser nomeada.

Normalmente, esses nomes de étimo tupi na função onomástica não são identificados como palavras indígenas pelos falantes locais, nem as nossas raízes e/ou o legado que nossos antepassados deixaram refletidos nestes topônimos enquanto vultos históricos.

Quanto à formação lexical dos topônimos, em termos de composição morfossintática, o nome de lugar pode ser simples, composto ou híbrido.

Em relação à estrutura formal na toponímia municipal da Microrregião de Maceió, identificamos 3 elementos específicos compostos (Barra de Santo Antônio, Coqueiro Seco e Rio Largo), 3 elementos

compostos híbridos (Barra de São Miguel, Marechal Deodoro e Santa Luzia do Norte) e 4 elementos específicos simples (Maceió, Paripueira, Pilar e Satuba).

Considerações finais

Iniciamos estas considerações finais destacando que este recorte lexical da microtoponímia municipal alagoana pode ser compreendido como um cenário linguístico-cultural que evidencia o modo como a língua retrata a visão de mundo de um povo através da inter-relação que se estabelece entre léxico e cultura, representada em motivações toponímicas de natureza física e antropocultural.

Assim sendo, a prática de nomear municípios da Microrregião de Maceió e consequentemente o surgimento dos topônimos em Alagoas não são decorrentes de um único fator determinante, mas da convergência de múltiplos fatores linguísticos e extralinguísticos condicionantes.

De acordo com as análises aqui realizadas, detectamos dez topônimos distribuídos em dois grupos motivacionais, cinco topônimos de natureza antropocultural: (01) Barra de Santo Antônio, (02) Barra de São Miguel, (03) Santa Luzia do Norte, (04) Pilar, (05) Marechal Deodoro; e cinco topônimos de natureza física: (06) Coqueiro Seco, (07) Satuba, (08) Maceió, (09) Paripueira, (10) Rio Largo.

No primeiro grupo, o traço da religiosidade se revelou como o fator de maior influência na escolha de topônimos para nomear municípios na microrregião estuda. Essa marca impressa nestes nomes sinaliza para a inter-relação línguo-cultural na configuração semântica dos hagiotopônimos, em cujas análises transpareceram aspectos religiosos relacionados ao grupo humano da região estudada.

Esse resultado vem ratificar um estudo realizado por Melo (2014) intitulado *Língua e cultura: nomes de municípios de referência religiosa na mesorregião do leste alagoano,* no qual já se atestava essa produtividade no léxico toponímico municipal de Alagoas.

Esse fato evidencia a presença marcante da religião na escolha dos nomes de municípios na microrregião aqui estudada. Logo, podemos afirmar que, pelo menos em nível toponímico, identificamos a materialização do discurso religioso por meio da presença de nomes legados à Igreja Católica Apostólica Romana no acervo lexical toponímico do Estado. E mais, mesmo vivendo em um Estado Laico, percebemos que isso não elimina o domínio da corrente religiosa da sociedade dominante e dirigente em nossa comunidade, em detrimento de outras crenças.

Já no segundo grupo, não houve uma predominância de uma dada motivação toponímica, mas múltiplos traços de natureza física impressos nos topônimos. A saber: a vegetação do espaço (representada no léxico pelos fitotopônimos), a fauna (representada no léxico pelos zootopônimos), a hidrografia (representada no léxico pelos hidrotopônimos), o tipo de solo (representado no léxico pelos litotopônimos) e a dimensão territorial (representada no léxico pelos dimensiotopônimos) da localidade a ser nomeada foram as motivações identificadas dentro do grupo de topônimos de motivação de ordem física.

Quanto à produtividade lexical na formação toponímica, identificamos o processo de composição como o mecanismo linguístico mais recorrente na constituição de sintagmas toponímicos designativos de municípios na microrregião estudada, correspondendo um percentual de 60%, isto é, de um total de 10 topônimos 6 são sintagmas toponímicos e 4 são elementos simples.

Finalizamos destacando, ainda, que este estudo se torna importante à medida que poderá fornecer, enquanto estudo científico, subsídios a futuras pesquisas sobre o léxico toponímico alagoano e, consequentemente à toponímia brasileira, tornando-se um instrumento para a reconstituição da memória toponímica de Alagoas e do Brasil, viabilizando uma compreensão da representação do mundo biossocial na língua. Pois as transformações da sociedade se refletem nitidamente no seu acervo lexical, também, através do signo toponímico. Assim, este artigo sobre o léxico

toponímico poderá oferecer uma real contribuição para a especialidade em questão e um melhor conhecimento da Língua Portuguesa do Brasil, em sua formação, estrutura e funcionamento.

Referências

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Teoria linguística:* teoria lexical e linguística computacional. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).* Disponível em http://www.ibge.gov.br/. Acesso em 31 mar. 2014.

CARVALHINHOS, Patrícia de Jesus. Interface onomástica / literatura: a toponímia, o espaço e o resgate de memória na obra de memórias da rua do ouvidor de Joaquim Manuel de Macedo. In.: *Cadernos do CNLF.* Rio de Janeiro : CIFEFIL, 2009, v. XII, n. 10, pp. 83-99.

_____. Toponímia e memória: quando o passado não é utopia. In: BRAGA, R.C.G. et alii. (Org.). *Memória e Utopia.* CUR UFMT/Rondonópolis, MT. Previsão: 2010.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário Etimológico nova fronteira da Língua Portuguesa.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

DICK, Maria. Vicentina de Paula do Amaral. *Toponímia e Antroponímia no Brasil:* coletânea de estudos. 3. ed. São Paulo: FFLCH-USP, 1992.

_____. *Acta Semiotica et Lingvistica.* Sociedade Brasileira dos Professores de Linguística. São Paulo: Universidade de Braz Cubas, 1995, v. 8. pp. 97-122.

_____. Atlas toponímico: um estudo de caso. In.: *Acta Semiotica et Lingvistica.* 1996.

_____. Atlas toponímico do Mato Grosso do Sul. In: *Revista TRAMA*. v. 3 n. 5 jan. / jun., 2007. pp.141-155.

ISQUERDO, Aparecida. Negri. Léxico regional e léxico toponímico: interfaces linguísticas, históricas e culturais. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de (orgs.). *As ciências do léxico:* lexicologia, lexicografia, terminologia. v. VI. Campo Grande: Editora da UFMS, 2012, p. 115-139.

KATAMBA, Francis. *Morphology*. Houndmills: The Macmillan Press, 1993.

MELO, Pedro. Antonio. Gomes de. Um recorte do léxico toponímico indígena municipal alagoano: motivações toponímicas. In.: *Interfaces*, Guarapuava, v. 4 n. 2. dez. 2013, pp. 39-51.

_____. Língua e cultura: nomes de municípios de referência religiosa na mesorregião do leste alagoano. In.: *DLCV*, João Pessoa, v. 11, n. 1, jan. / jun. 2014. pp. 97-119

NUNES, José Horta. Lexicologia e lexicografia. In: GUIMARÃES, Eduardo; ZOPPI, Mônica (Org.). *Introdução às ciências da linguagem:* a palavra e a frase. Campinas-SP: Pontes, 2010, pp. 149-172.

SALAZAR-QUIJADA, Adolfo. *La toponimia en Venezuela.* Caracas: Universidad Central de Venezuela, 1985.

SOLIS FONSECA, G. *La gente passa, los nombres quedan:* Introducción en la Toponima. Lima: Lengua y Sociedad, 1997.

TIBIRIÇÁ, Luiz Caldas. *Dicionário de Topônimos Brasileiros de Origem Tupi:* significado dos nomes geográficos de origem tupi. Brasil: Traço, 1985.
Disponível em http://www.wikialagoas.al.org.br. Acesso em 31 mar. 2014.
Disponível em http:// www.maisalagoas.com.br. Acesso em 11 de fev 2014.

[i] E-mail do autor: petrus2007@ibest.com.br